

Na obra “*A Escola do Trabalho: formação humana em Marx*” (2018), o autor Caio Antunes tem como foco uma questão: “como Karl Marx concebe a problemática da educação?”. Ancorado em trabalhos marxistas clássicos, o pesquisador realiza um excelente trabalho. A obra está dividida em três capítulos e foi abrilhantada com um prefácio escrito pelo professor Dr. Dermeval Saviani.

Caio Antunes é professor da Faculdade de Educação Física e Dança - FEFD - da Universidade Federal do Goiás, mestre e doutor em Filosofia da Educação, pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia da Educação - PAIDEIA.

Logo no prefácio, escrito pelo professor Dr. Dermeval Saviani, inicia-se uma reflexão que a “*Escola do Trabalho*” pode representar “uma escola cujo conteúdo é o trabalho” (p. 13) e também “uma escola que é o objeto do trabalho” (p. 13), sendo assim, “o trabalho ensina, instrui, que pela atividade do trabalho as pessoas aprendem, se formam, se desenvolvem” (p. 13), ou seja, “é pelo trabalho que o homem se forma como homem, é o trabalho que institui a humanidade no homem” (p. 14).

Antunes (2018) estruturou a obra em três capítulos: no *capítulo 1*, intitulado “*Trabalho e Formação do Ser Humano*”, categoriza-se o “*trabalho*” apontando algumas das formas pelas quais o trabalho, entendido como a relação de mediação entre ser humano e natureza, é responsável tanto pelo surgimento e complexificação do ser humano quanto por construir a base a partir da qual se erige, por vezes, de maneiras bastante mediadas, todo o complexo da vida social e, a partir disso, é possível apontar a categoria trabalho como elemento ontologicamente fundamental. No *capítulo 2*, “*A Alienação do Trabalho*”, categoriza-se o “*trabalho alienado*”, tomando como forma concreta de ocorrência da relação geral de mediação com a natureza do trabalho e, portanto, base de todo um complexo da vida social (mediadamente) alienado. Por fim, no *capítulo 3*, “*Educação, consciência e emancipação humana*”, categoriza-se a “*consciência*” ou a apreensão por parte dos trabalhadores, se sua realidade e condição social alienadas, abordando algumas das formas concretas de articulação entre ação transformadora e tomada de consciência. Para o autor, na “*escola do trabalho*”, os seres humanos criam a si próprios e se humanizam, isto é, se fazem humanos ao produzir e reproduzir condições de sua vida material e simbólica. Sem a

---

<sup>18</sup> Graduada em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário da Fundação Educacional Guaxupé (2006), Mestre em Tecnologia Ambiental pela Universidade de Ribeirão Preto (2009) e Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação - UNICAMP. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa PAIDEIA/UNICAMP. Associada ao Instituto Nacional de Pesquisa e Promoção de Direitos Humanos (INPPDH). Docente efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul do Minas Gerais - Campus Muzambinho (desde 2012).

“*escola do trabalho*”, portanto, nem imediata, nem mediadamente, nem objetiva, nem subjetivamente, nem universal, nem particular, nem singularmente as características que lhes definem como seres humanos.

Na introdução, Antunes afirma que “o que o homem é, é-o pelo trabalho (...), portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo” (p.25). Por conseguinte, conforme o autor aponta, “o processo de trabalho, de acordo com Marx, é a forma da relação universal entre ser humano e natureza, mas é, concretamente, isto é, nos marcos definidos da época histórica real e atualmente existente, sempre processo de valorização do capital” (p.28).

No primeiro capítulo, “*Trabalho e Formação do Ser Humano*”, o autor teve por objetivo tecer algumas considerações acerca do processo de constituição e formação do ser humano, isto é, de seu processo de passagem de “ser natural” a “ser social” e de sua complexificação (p. 34). Antunes (2018) organiza esse capítulo em quatro subitens: 1.1 Um novo tipo de ser; 1.2 A gênese desse novo tipo de ser; 1.3 O processo de humanização do ser humano; 1.4 Trabalho, desenvolvimento social e relações de propriedade.

Na primeira parte, o autor traz apontamentos sobre “a qualidade de ser natural do ser humano”, para ele, a qualidade de ser natural do ser humano “possui toda uma série de características, de necessidades, ou mesmo de limitações de ordem natural ou física, necessidades estas que precisam ser satisfeitas tão somente para a conservação da vida elementar do ser humano” (p. 33). Para Antunes, “se por um lado, de modo mais imediato, as necessidades humanas remetem a aspectos de ordem mais física, ou natural do ser humano, por outro, em seus desdobramentos, as próprias necessidades podem complexificar-se, sofisticar-se, numa palavra: humanizar-se” (p. 37 e 38).

Ainda na primeira parte do capítulo 1, Caio Antunes dá enfoque à categoria “trabalho”; para ele, “o trabalho é, portanto, a relação humana de mediação com a natureza, de metabolismo social com a natureza” (p. 40). Antunes entende que o homem é parte da natureza por natureza está subordinada a ela, e embora (com seu trabalho) seja capaz de uma espécie de dominação, a natureza impõe limites insuperáveis ao homem.

Por fim, para Caio Antunes, o trabalho é uma mediação, ou ainda, um metabolismo entre o homem e a natureza, um intermediário capaz de produzir o necessário para atender às necessidades humanas.

Na segunda parte do capítulo 1, um segundo ponto de suma importância que precisa ser discutido é o papel desempenhado pela consciência - a “história sabida” ou o “ato de gênese com consciência” (p. 43). Para Antunes, o trabalho é uma categoria absolutamente fundamental no método de Marx e, portanto, tem implicações teóricas e práticas, econômicas, políticas, educacionais e éticas, sem as quais todo o seu sistema de proposições analíticas entraria em colapso.

Na penúltima parte do primeiro capítulo, Caio Antunes escreve sobre “o processo de humanização do ser humano”. Para Antunes, “o trabalho transforma a natureza e dessa transformação resulta algo novo, não anteriormente existente, não puramente natural, mas algo natural mediado humanamente pelo trabalho, um produto humano, seja ele dado na forma de um objeto útil, algo que

satisfaça uma necessidade humana, seja esse produto o próprio ser humano. Isso implica que o ser humano é, ele mesmo, um resultado do processo de transformação da natureza - e, concomitantemente, agente fundamental desse processo” (p. 51). Nesse sentido, ancorado em Marx, Caio Antunes acrescenta que o trabalho surge de uma necessidade e se transforma na natureza, ou seja, é uma atividade com propósito que utiliza elementos naturais para atender às necessidades humanas. O autor aprofunda na categoria “trabalho”, afirmando que “é exatamente no, pelo e para o trabalho, a partir da relação entre as esferas da produção e da fruição, que o ser humano se faz, isto é, forma-se como ser humano e cria um “sentido humano” correspondente ao mundo que humanamente engendra. Em síntese, o trabalho forma” (p. 54).

Para terminar, na última parte do capítulo 1, Antunes aborda o “trabalho, desenvolvimento social e relações de propriedade”. Para ele, “com a complexificação do trabalho - do ser humano e de sua vida social - complexificam-se também tanto as necessidades humanas quanto os objetos necessários à satisfação dessas novas necessidades e os processos de trabalho que criarão” (p. 70).

O segundo capítulo do livro, “*A Alienação do Trabalho*”, está organizado em cinco partes: 2.1 A separação do metabolismo social com a natureza; 2.2 Pequeno excursão teórico acerca da categoria alienação; 2.3 Impactos da alienação; 2.4 O metabolismo social alienado; 2.5 Universalização do trabalho alienado e da alienação. Esse capítulo expressa o momento negativo da teoria da formação humana em que a humanidade, ao objetivar-se nos produtos de seu trabalho, enreda-se numa contradição em que, ao mesmo tempo em que atinge altos níveis de humanização da natureza, produz, igualmente, pela alienação, níveis também elevados de desumanização do homem.

Logo no início do capítulo 2, Antunes pontua que “a sobrevivência humana do ser humano apenas se efetiva por intermédio do trabalho” (p. 79).

Na segunda parte do capítulo, Caio Antunes aborda a categoria “alienação”. Ao analisarmos os impactos da alienação, compreende-se que “estar alienado em relação ao trabalho faz com que o ser humano se aliene exatamente daquele processo social a partir e por meio do qual ele próprio se fez (e faz) humano” (p. 91). Antunes entende que o ser humano alienado ao trabalho perde a sua humanidade. O trabalho alienado, portanto, “esfacela o ser humano ao isolar sua individualidade não apenas de outras individualidades, mas também de sua própria socialidade, ao fazer da característica social de sua individualidade (seu trabalho) mero meio de sua existência física individualizada” (p. 97).

No terceiro e último capítulo do livro, “*Educação, Consciência e Emancipação Humana*”, constitui-se o momento de superação em que os homens, tomando consciência das condições da alienação, entram em luta para resolver os conflitos e revolucionar a forma de organização da sociedade para atingir a plena emancipação humana. O capítulo está estruturado em seis partes: 3.1 Aspectos objetivos e subjetivos da formação da consciência; 3.2 Bases materiais da consciência; 3.3 Revolução e emancipação; 3.4 Capital, Estado, revolução e emancipação humana; 3.5 “O germe da educação do futuro”; 3.6 O reino da liberdade.

Para Antunes, em consequência dos impactos gerados por causa da alienação ao trabalho e da conscientização que é estabelecida pelo próprio trabalho, reitera-se que o trabalhador transcorre pela “escola do trabalho” ganhando resistência. O autor ressalta a importância do aspecto de formação humana fundamentado em Marx, ao analisar os ganhos a partir da tomada de consciência por parte dos trabalhadores, afinal, é evidente que os trabalhadores começam a ter um maior entendimento em relação à sua condição e situam-se historicamente.

Na segunda parte do capítulo, o autor aborda as “bases materiais da consciência”. Marx certa vez afirmou que o objetivo final do movimento da classe trabalhadora é “a emancipação dos trabalhadores” e que alcançar esse objetivo é “uma questão de tempo, de educação e do desenvolvimento de formas sociais superiores” (p. 128).

Para Antunes, “todos os grandes momentos revolucionários na história da humanidade deram-se na forma de um processo social longo, conflituoso e contraditório e nunca se efetivaram antes que as condições materiais propícias estivessem já devidamente amadurecidas” (p. 128).

O autor enfatiza que o capital é um movimento de uma contradição. Para ele, “todo esse processo possui, obviamente, implicações para a exploração do trabalho e para as condições de vida, individuais e coletivas, objetivas e subjetivas, da classe trabalhadora. Mas possui, igualmente, implicações para o potencial desenvolvimento da consciência de classe” (p. 133).

O autor dá destaque para o terceiro ponto levantado por Marx: “o papel fundamental desempenhado pela IDEOLOGIA” (p. 134). Nesse sentido, a ideologia consiste, então, “nas formas por meio das quais os seres humanos tomam, ou “adquirem consciência” de seu conflito social e o “levam até o fim”, isto é, resolvem-no mediante a luta” (p. 135).

Na terceira parte do capítulo, o autor escreve sobre a “revolução e a emancipação” e destaca o caráter político adquirido pela classe trabalhadora a partir do momento em que os trabalhadores deixam evidente o caráter conflituoso contra o capitalismo. Todavia, “a revolução remete, por outro lado e de modo indissociável, à construção concreta de uma estrutura social no interior da qual os seres humanos possam produzir conscientemente e fruir livremente, possam, enfim, viver humanamente” (p. 145).

Na quarta parte do último capítulo do livro, o autor escreve sobre o “*Capital, Estado, revolução e emancipação humana*”. Antunes retoma Marx (2005, p. 152), ao afirmar que “não basta que o pensamento procure realizar-se; a realidade deve igualmente compelir ao pensamento”. Tal assertiva implica que “uma transformação radical da estrutura social requer alguma ordem de confluência histórica concreta entre os elementos constitutivos da realidade objetiva e os anseios expressos nas formulações do pensamento” (p. 147).

Caminhando para o término do capítulo, na quinta parte, o autor escreve sobre “o germe da educação do futuro”. Para o autor, é importante destacar que esse conceito de educação, que Engels chama de “educação industrial” (p. 160), surge da necessidade de combinação entre “a educação e o trabalho fabril” e buscava “o desenvolvimento integral das capacidades de todos os membros da

sociedade” (p. 160). Nesta parte da obra, Antunes relembra que é no manifesto comunista que Marx e Engels tecem alguns comentários sobre a maneira que a educação é determinada pela sociedade, relacionando com as condições sociais e ressalta que o manifesto também aborda algumas medidas políticas necessárias para o desaparecimento dos “antagonismos de classe” (p. 160), como, por exemplo: a “educação pública e gratuita a todas as crianças; abolição do trabalho das crianças nas fábricas” (p. 160).

Segundo o autor, para um processo revolucionário de formação institucional, é necessário não apenas impedir a integridade objetiva direta da formação do trabalho alienado, mas, também, e, talvez, acima de tudo, permitir o acesso da classe trabalhadora ao conhecimento produzido e acumulado pela humanidade, garantindo, assim, que esse acesso ocorra do ponto de vista consciente da classe.

Por fim, o último capítulo do livro encerra abordando “o reino da liberdade”. Para Antunes, “uma vez garantidas, por meio da produção decidida de modo consciente pelos produtores livremente associados, as condições de satisfação das necessidades da totalidade dos membros da sociedade com um mínimo de tempo de trabalho, todo o restante do tempo poderá ser utilizado, de maneira igualmente livre e consciente, para os desenvolvimentos das mais mediadas e variadas potencialidades humanas” (p. 165).

O autor compreende que “uma vez assegurada a satisfação de suas necessidades” (p.165), os seres humanos são capazes de investir tempo e energia às áreas de outras atividades que sentem prazer, “sem, por um lado, precisar se especializar em nenhum ramo particular nem, por outro, relegar a outros seres humanos a produção de seu material” (p. 165). Para um melhor entendimento, Antunes explica que “é tão somente essa complexa ordem de relações entre trabalho e fruição entre reino da necessidade e reino da liberdade” (p. 168), fazendo menção a Marx que “numa sociedade comunista não há nenhum pintor, mas, no máximo homens que, entre outras atividades, também pintam” (p. 168).

Em suma, a última parte do capítulo, de acordo com Antunes, explica que “o processo a ser desempenhado pela consciência de classe no decorrer de um processo revolucionário é muito importante. Todavia, a própria tomada de consciência é, em si, um processo formativo que da realidade advém e a ela retorna” (p. 169).

Por fim, a obra investigou a teoria da formação humana em Marx. O autor minuciosamente categorizou o livro em três partes: a primeira, na noção de trabalho; a segunda, na de trabalho alienado; a terceira, nas de revolução e emancipação, ambas mediadas pela consciência e analisou o posicionamento de Marx e Engels sobre a escola. A obra, publicada em 2018, nos faz conhecer o processo pelo qual o homem organizou sua produção e existência, nos auxilia a compreender melhor, no contexto atual, as relações e os valores que transpassam o modo de produzir e as políticas educacionais e econômicas.